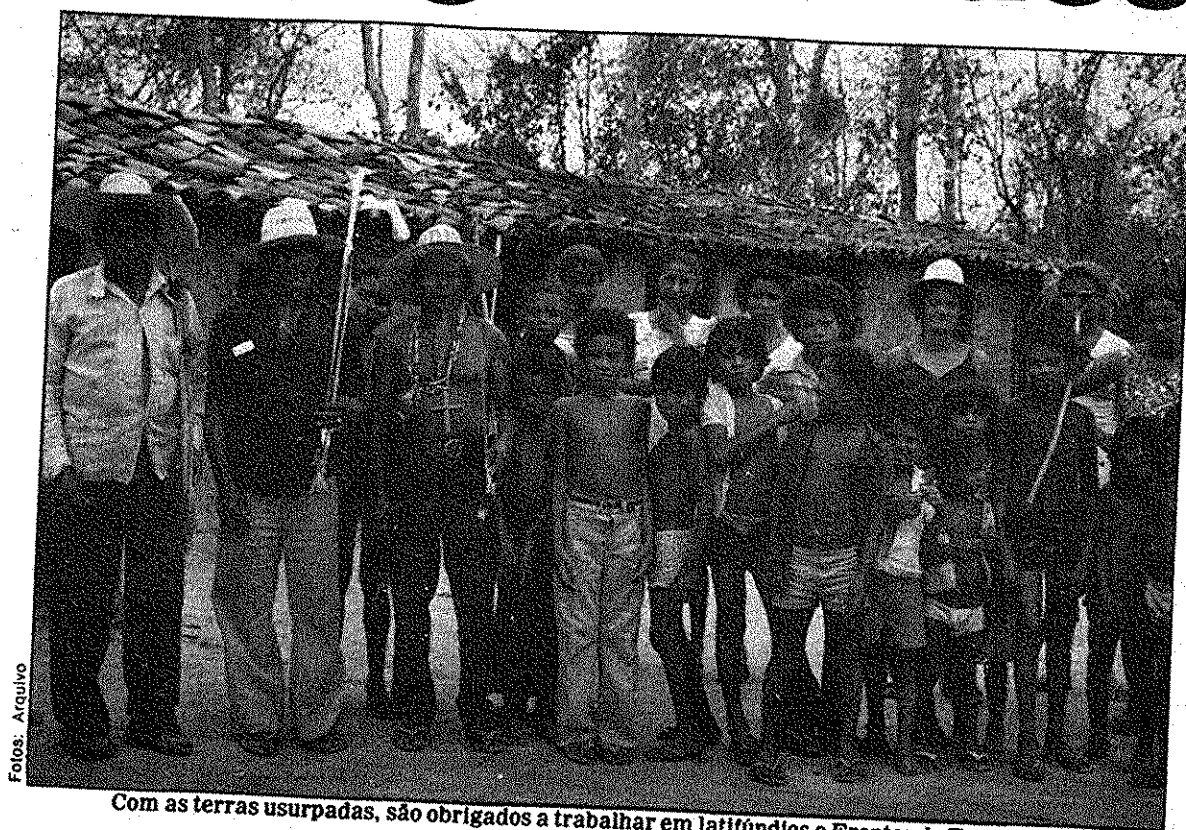


Sem terra e marginalizados

Na passagem do ano (31-12-83 e 1º-1-84), o companheiro Cícero Gomes, do Grupo de Apoio à Causa Indígena (Graci-Caetés), de Alagoas, esteve com os índios Tingui-Botó da aldeia de Olho d'Água do Meio, no município de Feira Grande, AL. Ele ouviu os reclamos desse povo, e os passou para o PORANTIM.

Há menos de um ano, os Tingui-Botó de Olho d'Água do Meio sequer eram reconhecidos pela Funai como índios, a pretexto de sua miscigenação. Agora, reconhecidos, continuam sem terra própria, vivendo comprimidos numa área de apenas três hectares, cercados pelas fazendas que se formaram sobre o que era, antigamente, território indígena. Perseguidos por políticos e fazendeiros, os Tingui-Botó, para sobreviver, têm de vender sua força de trabalho às fazendas (quando estas os contratam) e nas Frentes de Emergência criadas pelo Governo.

Com os leitores, a palavra dos Tingui-Botó.



Com as terras usurpadas, são obrigados a trabalhar em latifúndios e Frentes de Emergência

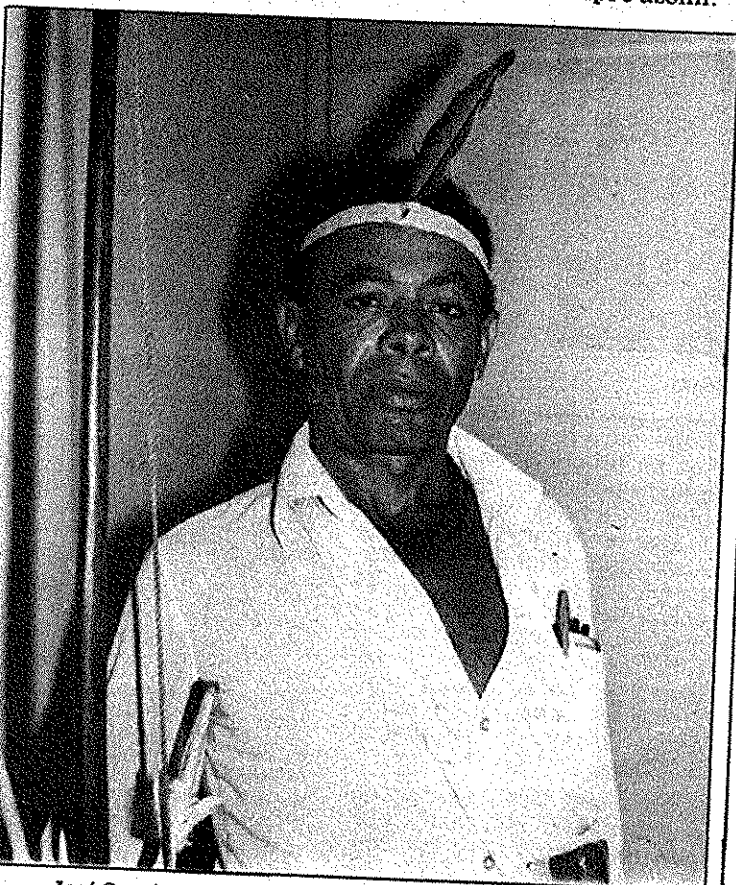
Vou continuar lutando pelo meu povo

(Vice-pajé Surakanã - José Saraiva)

Toda confusão começou quando resolvemos lutar pelos nossos direitos de índio. Em maio de 83, fomos reconhecidos pela Funai e veio aqui pra nos ajudar o chefe de posto Jorge Pinto Muniz. Esse rapaz está fazendo um bom trabalho conosco: foi proibida a venda de bebidas alcoólicas para nós índios, foi colocado também placas no local, proibindo entrada de estranhos pela Funai. Dias depois, estas placas desapareceram do local. Foi os brancos que arrancaram. Nós sabemos quem foi, mas preferimos não revelar o nome, por medida de segurança.

Aqui tá tudo muito confusão, e eu vou explicar melhor. É o seguinte: aqui no Olho d'Água, nós índios que se apegou ao nosso tradição, ao nosso ritual, língua, é uns 150. Mas tem muito mais do que isso. Agora, tem uns que abandonou costume todo, ritual; não vai mais ao Ouricuri, não dança Toré e fica conlulado com os fazendeiros e os políticos do PDS. Tudo contra nós: prefeito, vereador, até delegado de polícia.

O rapaz da Funai, que tá ajudando nós, já num tá agüentando a barra: muita pressão em cima dele por parte dos políticos. Tem o problema de um terreno aqui perto da vila, perto de nós, que fizeram um campo de jogar bola; nós quer tomar de volta; confusão muito braba. O prefeito Tadeu,



José Saraiva: a marginalização magoa profundamente

do PDS, publicou uma lei indenizando a gente por 40.000,00 pelo terreno. Mas nós num aceita; nós quer é o terreno.

Dia 29 de dezembro, veio aqui o capitão de Polícia de Arapiraca, com um comboio de soldado. Nós contou tudo pra ele, mas num se resolveu nada. Tem outra coisa — quero que o senhor anote aí: já fui ameaçado de morte

pelos brancos. Não tenho medo, vou continuar lutando pelo meu povo. Vou pedir garantia de vida — é o jeito — se bem que isso não resolve

ve. Tem uma coisa que nos magoa profundamente: nós é muito marginalizado. A gente sofre muito com isso. Não se pode nem andar na rua, fica todo mundo mangando da gente. "Lá vem os caboco!" E sempre assim.

Do jeito que tá, não pode ficar

(Pajé Akanã-Botó — João Ferreira)

Como o senhor tá vendo, toda terra que temos hoje é três hectares de terra, onde conservamos toda vegetação possível para manter vivo nosso ritual do Ouricuri. A Funai de Brasília disse que está disposta a nos ajudar. Os home falaram que vão desapropriar uma fazenda perto da nossa área de Ouricuri: cerca de 400 a 500 hectares. O fazendeiro disse que vende a

terra pra Funai, e deu um prazo até janeiro deste ano de 84; se ela não comprar até o prazo marcado ele não vende mais; estamos esperando a solução deste problema. Do jeito que tá, não pode ficar. Nós pede apolo de toda entidade que queira ajudar na nossa luta: Cimi, Comissão Pró-Índio, pois nossa situação é muito difícil.

Nós nem tem mais a nossa terra

(Aikiá-Kanã — Edite Ferreira)

Olha, a situação aqui tá muito aperreada, essa sequidão toda: muito tempo sem nenhum sinal de chuva. Nós tamos passando por uma necessidade muito grande, é fome mesmo, uma tristeza. Trabaíamos o mês todinho na Frente de Emergência pra ganhar 15 mil cruzeiros, e além do mais com um atraso da muleta dos cachorro. Se trabaia dois mês pra se receber um. Num é só isso não: nós nem tem mais a nossa terra. Tá vendo? Só se vê cerca de fazenda no que era da gente, só restou lugar de fazer nosso ritual Ouricuri, tiquinho de terra de nada.

Antigamente, alguns fazendeiros arrendava umas tarefas de terra pra gente botar nossa roça. Nós pagava um dinheirão. Acabava trabaiaando de graça pra eles. Hoje nenhum deles tem coragem de arrendar terra pra nós; tudinho contra nós. O nosso povo tem mesmo é que trabaia na terra deles, ganhando uma micharia.

Num é só isso não: olha, seu moço, tá vendo nossos fio, brincando aí no terreiro? São uns 60, tudo sem escola. Sabe por quê? Eles num agüentava ficar perto dos filhos dos brancos na mesma escola; era só confusão, as crianças dos brancos ficava fazendo mangação dos nossos fio e os pais deles num queriam nem que eles estudasse com os fio da gente. Dizia sempre: "Lugar de fio de caboco é no mato, e não na escola". Resultado: nossas crianças hoje num pode mais estudar. É um aperreio. Tudo isso só se acaba quando a Funai, o Governo arrumar terra pra nós índios ficar. Ai o branco num pode mais aperrear. Nós precisa de um posto de saúde, de escola pros nossos fio estudar, terra pra gente viver e trabaia. Até final de janeiro desse ano de 84, a Funai disse que vai desapropriar uma fazenda pra nós ficar. Ai, sim, se isso acontecer, vai ter muita alegria pra nós. Deus tomara.